

O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA: O IMAGINÁRIO INFANTIL A PARTIR DA LITERATURA DE C.S. LEWIS

THE LION, THE WITCH AND THE WARDROBE: THE CHILDREN'S IMAGINARY FROM THE C.S. LEWIS LITERATURE

Daniela Silva Resende¹

José Humberto Rodrigues dos Anjos²

Recebimento do Texto: 12/10/2022

Data de Aceite: 11/11/2022

RESUMO: A pesquisa em tela trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com recorte no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* que compõe a coleção *As Crônicas de Nárnia (1950-1956)*, e tem como objetivo analisar as múltiplas formas do imaginário infantil em C.S. Lewis. Pensando nisso, foram revisadas obras de autores como Durand (2012), Coelho (2003), Bettelheim (2002), dentre outros, que corroboram com informações relevantes para a pesquisa, a qual está dividida em três partes: a primeira sobre a literatura de C.S. Lewis, contextualizações, sentidos e significados, e considerações a respeito dos contos de fadas; a segunda trata dos símbolos, mitos e arquétipos na construção do imaginário; e a terceira é uma busca da interpretação do livro. Os resultados apontam que, a partir dos contos de fadas, é possível que a criança encontre significados, aprenda a lidar com os desafios que lhe são impostos no percurso da vida, e entenda seus sentimentos. Assim, o livro estudado pode ser utilizado para este fim, pois carrega diversos símbolos que promovem significados.

PALAVRAS-CHAVE: C.S. Lewis. Literatura. Imaginário. Infância. Contos de Fadas.

ABSTRACT: The study itself shows bibliographic qualitative research based on a few clippings on the book *The Lion, The Witch and the Wardrobe* which is part of the collection *The Chronicles of Narnia (1950-1956)*, and it aims to analyze the multiple forms of children's imaginary, written by C. S. Lewis. With that in mind, other books were reviewed as Durand (2012), Coelho (2003), Bettelheim (2002), between others, to validate important information to the research, which was divided into three parts: the first shows the C. S. Lewis literature, contextualization, sense, meaning and consideration about fairy tales. The second deal with symbols, myths, and archetypes of the imaginary construction. The third and last one is the pursuit of the book's interpretation. The results show that from the fairy tales, the child may find meanings and learn how to deal with challenges that will happen and their lives over the years and understand their feelings. Thus, the studied book can be used with this proposal, because it brings several symbols that promote meanings.

KEYWORDS: C. S. Lewis. Literature. Imaginary. Childhood. Fairy Tales.

1 Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Mineiros-Unifimes. E-mail: daniela20resende@gmail.com

2 Doutor em Educação. Mestre em Estudos da Linguagem. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: josehumberto2@ufg.br

Introdução

O presente artigo visa analisar as múltiplas formas do imaginário infantil presentes na obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020) de Clive Staples Lewis. Com esse intuito, foram estudadas e discutidas as estruturas antropológicas do imaginário, bem como os símbolos, mitos e arquétipos que influenciam a narrativa denominada conto de fadas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, apoiada em referenciais teóricos da teoria da literatura e do imaginário. Toma como ponto de partida artigos, livros, teses e dissertações que investigam o objeto desse estudo, qual seja: o imaginário infantil na obra de C.S. Lewis.

Para além da natureza bibliográfica, o estudo se debruça no recorte do primeiro livro publicado por C.S. Lewis (2020), *As Crônicas de Nárnia*, a história de dois irmãos e duas irmãs, Pedro e Edmund, Susana e Lúcia, que vivem em um contexto de guerra e acabam tendo que ir passar um tempo na casa de um professor no campo. Lá, os irmãos Pevensie entram em um guarda-roupa de uma sala vazia que os leva para a terra de Nárnia, onde é sempre inverno e a Feiticeira Branca reina.

Nessa direção, o artigo está dividido em 3 partes: a primeira sobre a literatura de C.S. Lewis, contextualizações, sentidos e significados, e considerações a respeito dos contos de fadas; na segunda parte, há a abordagem dos símbolos, mitos e arquétipos na construção do imaginário; e, na terceira parte, uma busca da interpretação do livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* de C.S. Lewis (2020).

Nas linhas dessas ideias, pensando no fato de que é na escola que a criança tem maior chance de um contato com a literatura, o uso do livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, de C.S. Lewis, obra de texto simples e de fácil compreensão, pode contribuir muito para a imersão da criança nesse universo. Assim, a discussão em tela é de extrema importância para a área da Pedagogia, pois, além de tratar de pontos já citados, destaca a importância da leitura e sua inserção no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, a leitura é um elemento importante, pois é por meio dela que a criança participa do que está sendo lido e passa a acreditar que seus conflitos podem ser solucionados como acontece nas histórias. Nesta análise, os contos de

fadas apresentam dimensões diferentes à imaginação da criança, as quais ela não teria condições de descobrir por conta própria (GONÇALVES, 2009).

Desse modo, esse artigo busca a compreensão de qual/quais maneiras o imaginário infantil é desenvolvido no conto de fadas *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, e em que medida esse processo envolve a criança. Paralelamente, buscamos as relações do imaginário infantil em relação ao universo da criança, a partir da literatura de C.S. Lewis.

A literatura de C.S. Lewis: contextualizações, sentidos e significados

Clive Staples Lewis nasceu na cidade de Belfast, capital da Irlanda do Norte, no ano de 1898 (CRUZ, 2014). Cresceu em uma época em que o mundo suplicava por mudanças, e a Irlanda era constantemente ameaçada cultural, social, política e religiosamente no âmbito do domínio protestante do país (MCGRATH, 2013). Após ter passado por vários professores particulares, o autor foi contemplado com uma bolsa de estudos de Oxford e, após concluí-la, trabalhou 29 anos em *Magdalen College*, na mesma instituição (CRUZ, 2014).

C.S. Lewis preenchia os salões da universidade com suas palestras, ao falar abertamente sobre suas reflexões a respeito da literatura inglesa. Buscava ser o titular inicial da cadeira de Literatura Medieval e Renascentista da *University of Cambridge* (MCGRATH, 2013).

Na década de 1960, muitos tinham a certeza de que Lewis teria uma curta fama e que seria apenas uma questão de tempo até que o autor fosse esquecido, alguns deram uma década para este acontecimento (MCGRATH, 2013). No entanto, quase 58 anos após sua morte, ainda conquista seus leitores com suas obras.

Dentre suas obras mais conhecidas, encontra-se *As Crônicas de Nárnia*, uma coleção de contos de fadas composta pelos seguintes livros: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (1950); *Príncipe Caspian* (1951); *A viagem do Peregrino da Alvorada* (1952); *A cadeira de prata* (1953); *O cavalo e seu menino* (1954); *O sobrinho do mago* (1955); e *A última batalha* (1956).

O primeiro livro publicado da coleção foi *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2020), escolhido para o presente artigo para se analisar as múltiplas formas

construídas pelo autor para o imaginário infantil.

O leão, a feiticeira e o guarda-roupa foi dedicado à afilhada do autor e se inicia com a locução “Era uma vez...”, recorrente nos contos de fadas clássicos. A história é focada em quatro irmãos, Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo Pevensie, os quais viviam em contexto de guerra em sua cidade de origem. Por conta dos ataques aéreos decorrentes da guerra, os irmãos acabam tendo que sair da cidade de Londres para a casa de um professor chamado Digory Kirke. Na casa do professor, eles entraram no guarda-roupa, descobrindo uma passagem para o universo de Nárnia.

A jornada das crianças inclui salvar Nárnia da Feiticeira Branca que transformou esse universo em inverno, comandando tudo que compõe o lugar. No meio do caminho, conhecem castores, anões, faunos e até mesmo o Papai Noel. Aqui vemos a presença frequente de características muito comuns em contos de fadas.

Contos de fadas: algumas considerações

Os contos de fadas nem sempre foram o que são hoje, já que sofreram modificações ao longo do tempo, como bem observa Bettelheim (2002), ao afirmar que tais narrativas, por serem contadas várias vezes por pessoas diferentes, ao longo do tempo, foram mudadas, de modo a se tornarem mais refinadas. Além disso, ele afirma que esses textos, atualmente, podem ser lidos por crianças e também adultos, transmitindo de forma evidente ou disfarçada seus significados.

Acerca desta narrativa, Farias e Rubio (2012, p. 5) discorrem sobre seu significado e características: “[...] pertencem ao mundo dos arquétipos, são míticos, simbólicos, respondem ao universo da criança, e, sendo assim, torna-se possível perceber que não nos dão outro poder, senão o de assumir o real através da cultura do imaginário”.

Nesse sentido, por meio da leitura de contos de fadas, textos simples e em sua maioria encontrados na literatura infantil, a criança pode notar a existência de um tempo imaginário, já que tais narrativas, geralmente, são introduzidas por “Era uma vez...”, além de seu meio e fim (FARIAS; RUBIO, 2012).

Sobre seu surgimento, estudos apontam que tenha ocorrido na França,

em meados do século XVII, na iniciativa do poeta e escritor francês Charles Perrault que, devido às exigências da corte, passou a adequar e adaptar as histórias e contos narrados pelos camponeses e demais populações, editando tais contos. Assim, eliminava passagens que pudessem ser obscenas ou contivessem trechos que abordavam assuntos como sexo, incesto e demais cenas que eram repugnantes para a sociedade da época (FARIAS; RUBIO, 2012).

A origem do termo “contos de fadas” vem do francês “*Conte Fee*”, relatos provenientes das próprias histórias contadas pelos camponeses, os quais relatavam seus fatos e acontecimentos da vida, não sendo muito indicado para as crianças. Só algum tempo depois, as fadas passaram a surgir nessas histórias como a representação de uma mulher perfeita que, além de sua beleza surreal, possuía dons e poderes de origem sobrenatural, permitindo, então, que os contos fossem adaptados e inseridos na literatura infantil (FARIAS; RUBIO, 2012).

Além das fadas, os contos passam a ter a presença de outros personagens dotados de características em comum, como, por exemplo, as bruxas. Já com esse modelo de narrativa europeu, o Brasil passou a adaptá-los em sua literatura, utilizando-os para fins educativos e incentivo a respeito de valores da época (FARIAS; RUBIO, 2012).

Tais contos passaram a ter narrativas de ação lenta, enfatizando as qualidades e valores morais de seus personagens, com finais felizes que se desenrolam de forma justa, além de emanar mensagens específicas e com toque mágico, um modelo que facilmente cativa as crianças devido a sua linguagem, muitas vezes, metafórica (FARIAS; RUBIO, 2012).

A sobrevivência de alguns contos, na atualidade, onde existem tantos meios tecnológicos com tantas imagens, está no fato de eles serem capazes de esclarecer e simbolizar os desafios enfrentados psicológica e inconscientemente pelas crianças da idade contemporânea (CORSO; CORSO, 2013).

C.S. Lewis era capaz de imaginar universos fabulosos e com histórias incríveis, migrando isso para sua escrita. Sendo assim, o universo de *As Crônicas de Nárnia* não surgiu do nada, mas é fruto de sua criatividade e imaginação. Alister McGrath, autor da biografia de Lewis, esclarece que

as origens dos contos de Nárnia estavam, nos diz Lewis, em sua imaginação. Tudo começou com a imagem de um fauno

carregando um guarda-chuva e pacotes em meio a uma floresta nevada. A famosa descrição de Lewis do processo criativo mostra esse processo como um desenrolar de imagens mentais, que eram então conectadas com cuidado para formar uma trama consistente (MCGRATH, 2013, p. 221).

Nesse contexto, os contos de fadas são fundamentais para que haja uma ligação entre o imaginário e a realidade das crianças. Assim, é possível compreendê-lo como parte dos elementos que desenvolvem a personalidade delas. Além disso, o imaginário é ativado quando a criança ouve tais narrativas e, de forma inconsciente, suas emoções, provocadas por medo, amor, frustração, dentre outras, são atingidas (NÓLIO, 2015).

Nessa perspectiva, ao adentrar no mundo de fantasia e imaginação presente no conto de fadas, a criança busca formas de transformar sua realidade, estabelecendo supostas maneiras de solucionar suas questões, o que a leva a assumir ações que vão além de suas experiências do cotidiano. Assim, os contos de fadas contribuem para que a criança tome decisões que a torne independente, que a ajude a adaptar seus sentimentos e também ter esperanças de que seu empenho a levará a um final feliz, por isso os contos de fadas interferem no imaginário da criança e também no emocional (FARIAS; RUBIO, 2012).

Nessa lógica, as formas próprias de ser e os esquemas de relações com o mundo e com as pessoas são construídos nos primeiros anos de vida das crianças. Suas matrizes de relações vão se desenvolvendo pela sua interação com o meio, em que a formação da consciência de si, seu comportamento emocional e a individualização do seu corpo são processos que caminham juntos e que contribuem para o desenvolvimento da criança (FARIAS; RUBIO, 2012).

Ainda relacionado à imaginação, esta é um mecanismo básico para elaborar e construir a identidade do indivíduo. Então, entrar em uma batalha com figuras de poder, tornar-se comida de bruxa, aventurar-se por uma floresta, ou seja, qualquer situação que parece absurda pode representar conflitos do seu inconsciente (FARIAS; RUBIO, 2012). Nesse sentido, a leitura e a imaginação são de extrema importância para o desenvolvimento da criança.

Sobre a imaginação, Vygotsky (2009), ao analisar cientificamente

produções fantasiosas e afastadas da realidade, como os contos, as lendas, entre outros, pontua que as pessoas passam a acreditar que as produções fantásticas são uma combinação atual de elementos que foram absorvidos da realidade e sujeitos a uma alteração de sua imaginação. Ou seja, toda obra da imaginação é elaborada a partir de elementos da realidade e que estão presentes em experiências vividas pela pessoa anteriormente.

Os anos se passam e, muitas vezes, os contos de fadas não trazem apenas problemas presentes na atualidade, mas de determinadas épocas. Segundo Corso e Corso (2013), há contos de fadas que, mesmo não se referindo à sociedade contemporânea, ainda chamam a atenção das crianças, as quais têm a capacidade de trazer o conto para a sua realidade, utilizando-o de acordo com suas necessidades, identificando-se com personagens e narrativas singulares.

Como a criança ainda não delimitou as fronteiras entre o existente e o imaginoso, entre o verdadeiro e o verossímil (fronteiras estabelecidas, em parte, pelo recalque das representações inconscientes), *todas as possibilidades da linguagem lhe interessam* para compor o repertório imaginário de que ela necessita para abordar os enigmas do mundo e do desejo (CORSO; CORSO, 2013, p. 5).

Os contos de fadas proporcionam à criança, por meio da fantasia, a forma de solucionar suas questões, posto que, quando ela participa do que foi lido, acredita que suas questões podem ser solucionadas da mesma forma que foi na história, pois ocorre uma familiarização com o que foi apresentado e uma compreensão maior do que se passa no seu inconsciente. Esses contos também acabam proporcionando dimensões diferentes à imaginação da criança, as quais ela não teria condições de descobrir por conta própria (GONÇALVES, 2009).

Símbolos, mitos e arquétipos na construção do imaginário

O imaginário foi explicado de diferentes formas ao longo dos anos por diversos estudiosos. Gilbert Durand (2012) foi quem trouxe a concepção de que o imaginário é um conjunto de atividades imaginativas que levam a uma produção e a uma reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos (ANAZ et al., 2014).

Durand desenvolve a ideia de que, frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante. Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicosocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude (ANAZ et al., 2014, p. 6).

As narrativas dos contos de fadas são consideradas como literatura maravilhosa, relacionadas ao mundo dos mitos, símbolos e arquétipos. Assim, no que se refere aos mitos, estes surgiram no campo do sagrado e não existiriam sem literatura. Tais obras narrativas são muito importantes e representam as fronteiras entre os limites da imaginação (COELHO, 2003).

A respeito do surgimento e conceitos dessas narrativas, Nelly Coelho (2003, p. 46) afirma que os mitos

são narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações em que o sobrenatural domina. Os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: a criação do mundo e do homem, a gênese de deuses, a explicação mágica das forças da natureza etc.

Já no que se refere aos arquétipos, é difícil explicar seu conceito e, praticamente, impossível defini-lo, pois este representa um mistério que vai além da inteligência humana, não é possível dizer de forma direta de onde ele veio e se foi ou não adquirido (JACOBI, 2016).

Alguns defendem que eles advêm dos mitos e se expressam no campo do humano, como concepções, condutas, modos, etc. Além disso, no que se refere à literatura, os arquétipos se manifestam sendo representados por: medo, desejo, heroísmo, covardia, amor, fé, coragem e demais paixões ou impulsos do âmago humano, os quais são representados por figuras ou personagens (COELHO, 2003). Exemplos de arquétipos seriam a bondade, o heroísmo, a coragem ou a bravura do leão Aslam no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020);

outros exemplos, no livro, são os dos irmãos Pevensie: Pedro, o Magnífico; Susana, a Gentil; Edmundo, o Justo; e Lúcia, a Destemida.

No que se refere aos símbolos, Nelly Coelho afirma que, quando relacionados ao mito e ao arquétipo, resultam em uma linguagem simbólica. Com a passagem de mitos e arquétipos para linguagem simbólica, foi possível expressar a sabedoria da vida neles existente, expandindo-se pelo planeta, transformada nos contos de fadas. Nos tempos atuais, os dois continuam a arquitetar uma verdadeira literatura, por meio das novas linguagens simbólicas. Esta linguagem é a mediadora entre o espaço imaginário e o espaço real nos quais a nossa vida se cumpre (COELHO, 2003). Veja-se:

Reis, rainhas, princesas, príncipes, fadas, bruxas, maternidades falhadas ou concepções mágicas, heróis desafiados por grandes perigos para a conquista de seu ideal, objetos mágicos, duendes, anões, tesouros ocultos, dragões, gigantes, provas iniciáticas são, em essência, arquétipos ou símbolos engendrados pelos mitos de origem. São formas de comportamentos humanos, situações, desígnios, forças malignas ou benígnas a serem enfrentadas na Aventura Terrestre a ser vivida pelos seres humanos, isto é, cada um de nós (COELHO, 2003, p. 50).

Portanto, a linguagem simbólica é a mediadora entre o espaço imaginário e o espaço real no qual se cumpre a vida humana (COELHO, 2003). Em suas pesquisas, Durand (2012) contribui para as concepções de imaginário com perspectiva da reflexologia detchereviana (Gestos dominantes), por meio da qual é possível entender o aparelho nervoso de um recém-nascido. Ou seja,

[...] os gestos e reflexos dominantes: postural, copulativo e digestivo – identificados em estudos anatomofisiológicos e escatológicos pela Escola de Reflexologia de Leningrado, na 1ª metade do século 20 – estão diretamente relacionados às estruturas presentes nas atitudes imaginativas do ser humano, e suas forças atuam em vários níveis de formação dos símbolos. O autor denominou as estruturas do imaginário de heroicas ou esquizomorfias – relacionadas ao gesto *postural* -, dramáticas ou sintéticas – relacionadas ao gesto *copulativo* – e místicas ou antifrásicas – relacionadas ao reflexo *digestivo* (ANAZ et al., 2014, p. 7).

Diante disso, Durand, de acordo com Anaz et al (2014), usa o termo “Regime Diurno” (RD) das imagens para classificar um conjunto de símbolos que são constituídos por estruturas heroicas – esquizomorfos – que, diante de certas situações, estão em busca de vencer a morte e o que está por vir. Além disso, o RD está ligado ao gesto/ reflexo postural e também se refere a uma figura paternal, e, ligados ao posicionamento ereto de seres humanos, está relacionado a movimentos de verticalização e também de ascensão.

Nas linhas dessas ideias, estes movimentos levam a “símbolos de potência e de heroísmo, de subida em direção à luz e ao sol, de elevação e pureza e de confronto e separação”. Assim, tal reflexo tem como inspiração “a produção de símbolos ascensoriais (cetro, flecha, asa, anjo), espetaculares (luz, sol, ouro, fogo, céu) e diairéticos (herói, espada)” (ANAZ et al., 2014, p. 7).

Segundo Almeida (2011), Durand divide os regimes cíclicos da natureza, para que haja melhor compreensão da perspectiva do imaginário e sua relação com o mundo. O RD é, então, dividido em estruturas simbólicas, dando um lugar para cada um de seus elementos segundo o que representam.

O RD é subdividido em: as Faces do Tempo e o Cetro e o Gládio. Nas Faces do Tempo, estão presentes alguns símbolos, como os símbolos teriomórficos, pois, segundo Durand (2012), o simbolismo animal é frequente e parece ser impreciso, pode carregar tanto valorações negativas como positivas.

De todas as imagens, com efeito, são as imagens animais as mais frequentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais. Mesmo para o pequeno cidadão ocidental, o urso de pelúcia, o gato de botas, Mickey, Babar vêm estranhamente veicular a imagem teriomórfica (DURAND, 2012, p. 69).

Para Durand (2012), as crianças talvez nunca tenham visto a maioria dos animais que aparecem em seus sonhos, ou as representações de imagens que costumam brincar. Em O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, é possível ver a presença recorrente de animais que as crianças talvez nunca tenham visto, tais como: o leão, o castor ou a raposa.

Nesse sentido, mesmo que a criança nunca tenha visto o que ela está

lendo, ela ainda assim poderá adentrar nesse universo, imaginando, a seu modo, a forma dos símbolos que advêm de sua experiência com o livro, como destaca Durand (2012):

E no entanto, a salamandra permanece, para a nossa imaginação, ligada ao fogo, a raposa à astúcia, a serpente continua a “picar” contra a opinião do biólogo, [...] enquanto o gracioso ratinho repugna-nos. O que mostra quanto esta orientação teriomórfica da imaginação forma uma camada profunda, que a experiência nunca poderá contradizer, de tal modo o imaginário é refratário ao desmentido experimental (DURAND, 2012, p. 69-70).

Nas Faces do Tempo, há também os símbolos nictomórficos, que são aqueles ligados aos sentidos negativos, e, portanto, voltados à tristeza, escuridão, violência e solidão. Assim, segundo Durand (2012), as paisagens remetidas a períodos noturnos caracterizam a condição depressiva; além disso, o final do dia no folclore amedronta, pois é quando os monstros aparecem, diferentemente do que se imagina do dia.

É possível relacionar os símbolos nictomórficos com o livro de C.S. Lewis (2020, p. 143), pois, diversos momentos, no livro, ocorrem em períodos noturnos, como no momento que antecede a morte de Aslam, quando o livro traz em seus escritos; “nessa noite, a tristeza de Aslam projetou-se em todos os outros [...]. A ceia foi silenciosa, muito diferente da refeição da noite passada ou daquela mesma manhã. Era como se os dias felizes, que mal tinham começado, já chegassem ao fim”.

Nas Faces do Tempo, de acordo com Durand (2012), há, ainda, a última representação imaginária da aflição humana, os símbolos catamórficos, explicados como epifania da queda, esta que aparece no mais alto nível das ações das trevas: “numerosos mitos e lendas põem a tônica no aspecto catastrófico da queda, da vertigem, da gravidade ou do esmagamento” (DURAND, 2012, p. 113).

Um exemplo da epifania da queda, no livro de C.S Lewis (2020), figura na passagem em que o leão é aparentemente derrotado, deitam-no no chão, cortam sua juba, o amordaçam, o amarram, o arrastaram até a mesa de pedra e, por fim o

matam. O leão, que era forte, a salvação do povo, jazia ali morto, derrotado.

A outra subdivisão do Regime Diurno encontra-se no Cetro e o Gládio, em que há a presença de símbolos ascensionais, ligados à elevação, implicando o recobrimento do vigor e a força perdidos após a queda. São, também, símbolos que aparecem como meio de se alcançar o céu, como a escada, as asas, a montanha, a flecha, etc (DURAND, 2012).

Ainda no que se remete à segunda parte do RD, existem os símbolos espetaculares, os quais se referem ao olhar e também à luz que se opõe às trevas, e aqui um símbolo que aparece bastante é o solar. Além disso, neste ocorre um isomorfismo que coaduna a ascensão à luz (DURAND, 2012).

Nas linhas dessas ideias, segundo Durand (2012), também estão presentes, em o Cetro e o Gládio, os símbolos diairéticos, que se abrem para confrontos entre a ascensão e a queda, a luz e as trevas, além da presença da imagem de alguém que luta contra essas trevas e abismos, ou seja, um ser de figura heroica. Aqui podemos usar como exemplo a figura do leão Aslam no livro de C.S. Lewis (2020), ou até mesmo a dos chamados filhos de Adão e filhas de Eva que viriam para libertar Nárnia da Feiticeira Branca.

Assim, ainda no que se refere ao Regime Diurno, Durand (2012) afirma que este é definido como o regime da antítese: “pode-se mesmo dizer que todo o sentido do Regime Diurno do imaginário é pensamento “contra” as trevas, é pensamento contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra o Cronos, o tempo mortal” (DURAND, 2012, p. 188).

Para além do RD, Durand (2012) apresenta o conceito de Regime Noturno (RN), onde as trevas são contrárias ao que é trazido pelo primeiro regime de imagens, subdividido em: a descida e a taça; e do denário ao pau.

No que se refere à primeira subdivisão, denominada a descida e a taça, esta engloba dois tipos de símbolos, um deles o da inversão. Há uma descida ao centro que se difere da queda, pois ocorre de forma lenta e com um calor suave. Nestes símbolos, em contradição com o que se encontrava no RD, o pássaro, o voo, símbolo da elevação, é substituído pelo peixe, pela escavação, e o abismo pela taça (DURAND, 2012).

O segundo tipo de símbolos compreende a intimidade, representada,

muitas vezes, pelo sepulcro e pelo ventre materno, ligados ao repouso, à morada, à tranquilidade de um sepulcro, a um retorno. Aqui é trazida uma simpatia pela morte, em que há um valor positivo no que se refere a ela (DURAND, 2012).

Nesses símbolos, veem-se as imagens da gruta, da caverna, da casa, o que corrobora “os cheiros da casa que constituem a cenestesia da intimidade [...]”. A casa é, portanto, sempre a imagem da intimidade repousante [...]. E a palavra “morada” duplica-se, [...], do sentido de parada, repouso, [...] (DURAND, 2012, p. 243-245).

Há, ainda, na segunda subdivisão do RN, do denário ao pau, a presença dos símbolos cíclicos que têm um lado ligado às trevas e outro ligado à luz. São divididos em: “o poder de repetição infinita de ritmos temporais e o domínio cíclico do devir” (DURAND, 2012, p. 282), duas nuances que têm em comum o fato de serem narrativas denominadas mitos, geralmente dramáticos. O ano remete ao ciclo, razão pela qual o calendário tem a estrutura circular, algo que ocorre de novo e de novo.

Na sequência, apresentamos o quadro síntese dos Regimes propostos por Durand.

Quadro 1 – Síntese dos Regimes de Durand (2012)

Regime Diurno			Regime Noturno		
As faces do tempo	Símbolos teriomórficos	São frequentes imagens de animais, podendo estes simbolismos ser negativos ou positivos.	A descida e a taça	Símbolos da inversão	São ligados a uma descida ao centro, que diferentemente da queda ocorre de forma lenta e também com um calor suave.
	Símbolos nictomórficos	Estão ligados a sentidos negativos e paisagens noturnas geralmente remetem à tristeza e caracterizam a condição depressiva.		Símbolos da intimidade	Estão ligados a um repouso, a morada, ao retorno, a tranquilidade de um sepulcro.
O cetro e o gládio	Símbolos ascensionais	Estão ligados a elevação e remetem a uma recuperação, após a queda, da força e do vigor.	O denário e o pau	Símbolos cíclicos	Podem estar ligados às trevas e a luz, estes são divididos entre a capacidade de se repetir infinitamente ritmos temporais e o poder cíclico do devir.

Fonte: DURAND, 2012.

Em busca da interpretação: o Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa

Existem experiências que durante a infância são importantes, pois proporcionam mais significados e também o poder de um encontro com o sentido da vida. Desse modo, a herança cultural tem forte impacto sobre as crianças, e na literatura essas informações são mobilizadas de forma efetiva (BETTELHEIM, 2002).

Nas linhas dessas ideias, a literatura pode ser responsável por desenvolver a mente e também a personalidade do indivíduo durante a infância, porém, isto causa preocupação, pois muitos livros são tão superficiais que quase não é possível adquirir significado a partir deles. Assim, se o texto não tiver significados, ou for vazio, aprender a ler não será o bastante para que a criança, futuramente, tenha sua bagagem cultural enriquecida. Sendo assim, é importante, então, que os escritos despertem curiosidade e desenvolvam a imaginação (BETTELHEIM, 2002).

Nos contos de fadas, a criança pode encontrar significados, aprender a lidar com os desafios impostos a ela no decorrer da vida e entender seus sentimentos. Por isso, Bettelheim (2002, p. 5) afirma que a criança “[...] deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida”.

Nesse contexto, o livro de C.S. Lewis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020) pode ser utilizado para este fim, pois é abarrotado de símbolos que promovem significados.

Nas linhas dessas ideias, ler histórias como essa é importante para a criança, pois, como pontuam Corso e Corso (2013):

Histórias de crianças que saem ou são expulsas de suas casas, ou que perdem o rumo de volta depois de um passeio mais ousado e se deparam com perigos inimagináveis, funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que, mais dia, menos dia, terão de enfrentar (CORSO; CORSO, 2013, p. 6).

Ligando a afirmação ao que se apresenta no livro de C.S. Lewis (2020,

p. 11), os irmãos Pevensie também deixam seu lar: “[...] lhes aconteceu durante a guerra, quando tiveram de sair de Londres, por causa dos ataques aéreos. Foram os quatro levados para a casa de um velho professor, [...]”. E é na casa do professor que eles entram no universo de Nárnia, onde vivem diversas aventuras, por meio de um guarda-roupa.

Além disso, fala-se muito sobre o ato de ler, mas no que se refere a contar história para crianças, essa é uma forma de ampliar o pensamento e a fantasia da criança, ajudando-a com suas preocupações e desafios (CORSO; CORSO, 2013).

Os contos de fadas, de acordo com Bettelheim (2002), proporcionam para as crianças o enfrentamento de situações e desafios na vida, rumo à ruptura de barreiras e à vitórias, compreendendo, nesse processo, o que é inevitável durante a vida.

Dessa forma, nas histórias infantis, o medo, geralmente, se faz presente, e as crianças procuram por ele nessas narrativas recheadas de situações que amedrontam, o que as leva a ter conhecimento do medo e enfrentá-lo (CORSO; CORSO, 2013).

Portanto, no livro de C.S. Lewis, é possível encontrar situações que amedrontam, como quando a feiticeira que aparece para Edmundo pela primeira vez, ou quando o garoto chegou ao castelo dela e viu criaturas que foram transformadas em estátuas, ou seja, sempre que se refere à feiticeira, as passagens do livro são assustadoras e mostram que o garoto tinha medo, tanto que “ficou tanto tempo imóvel que seus dentes teriam começado a bater de frio, se já não batessem de medo” (LEWIS, 2020, p. 93-95).

Tais narrativas também trazem curta e categoricamente os impasses, o que leva a criança a entender de forma simples as situações da vida, detalhes que podem não ter importância são retirados dos contos de fadas e as informações são trazidas de forma clara. O bem e o mal estão sempre presentes em todos os lugares nessas narrativas, geralmente por imagens ou condutas, o que reflete a realidade (BETTELHEIM, 2002).

A afirmação pode ser confirmada no texto de C.S. Lewis e até mesmo nos outros livros que dão continuidade à história, os quais fazem parte da coleção *As Crônicas de Nárnia*, pois cada livro tem o bem e o mal; e, mais especificamente em

O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa (2020), nota-se o mal presente na imagem “ogres de dentes monstruosos! Lobos! Homens com cabeça de touro! Espíritos de árvores más[...]! Não falo de outros seres porque, se fizesse isso, as pessoas adultas não o deixariam ler este livro[...], todos os que eram do partido da feiticeira” (LEWIS, 2020, p. 145).

É possível notar, também, que, no início da história, a feiticeira reina sobre Nárnia, como que se o mal em sua figura já tivesse vencido. Para Bettelheim (2002), em muitas dessas narrativas, um intruso toma o lugar do herói por um tempo, no entanto, não é o fato de este receber um castigo no final da história que leva o leitor a uma compreensão moral, apesar de isso também ocorrer.

Contudo, a figura do herói chama mais atenção da criança que compreende que certas ações não valem a pena e o mal sempre perde. A criança, então, se identifica com o herói, em seu universo imaginário sofre com o personagem e vence com ele. Além disso, ela identifica tudo isso sozinha e os desafios, tanto interiores quanto exteriores do herói, proporcionam a moralidade (BETTELHEIM).

No livro de Lewis (2020), a imagem dos heróis é trazida com características de virtude; a da Feiticeira, do mal. A exemplo disso, quando o personagem Aslam fala com os irmãos Pevensie, o narrador afirma que a voz dele era “[...] profunda e generosa, teve o efeito de um calmante [...]” (LEWIS, 2020, p. 125).

Enquanto Aslam trazia a calma, a Feiticeira, pelo contrário, causou medo em Edmundo ao se conhecerem, quando depois de uma conversa “[...] fitou Edmundo com olhos afogueados; no mesmo instante, ergueu a varinha. Edmundo sentiu que ela ia fazer qualquer coisa de terrível, mas não foi capaz de dar um passo. Já se considerava perdido [...]” (LEWIS, 2020, p. 39).

Desse modo, o livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020) apresenta uma história de aventura, onde há um cenário, personagens de personalidades diferentes, bem e mal, heroísmo, derrota e vitória, dentre outros, que, como outras narrativas denominadas contos de fadas, podem levar a diferentes sentidos, tudo depende de quem lê, do momento, e do contexto em que se faz a leitura.

Considerações finais

Na análise das múltiplas formas que C.S. Lewis constrói o imaginário infantil no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020), parte integrante de *As Crônicas de Nárnia* (1950-1956), foram estudadas e discutidas as estruturas antropológicas do imaginário, bem como os símbolos, mitos e arquétipos que influenciam a narrativa denominada conto de fadas.

O primeiro livro da obra, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, se inicia com a locução “Era uma vez...”, que ocorre com frequência nos contos de fadas clássicos. A história envolve Susana, Lúcia, Pedro e Edmundo Pevensie, irmãos que, em contexto de guerra, deixam sua cidade de origem e vão para a casa de um professor. Lá eles entram em um guarda-roupa e descobrem uma passagem para o universo de Nárnia. Nesses contos de fadas, a criança pode encontrar significados, aprender a lidar com os desafios que lhe são impostos ao longo da vida e entender seus sentimentos.

Contudo, Durand (2012) explica que o imaginário contempla atividades imaginativas que promovem a produção e reprodução dos arquétipos, símbolos, imagens e mitos e, em seus escritos, para explicar os símbolos, divide-os: o Regime Diurno das imagens que contemplam as faces do tempo (símbolos teriomórficos e nictomórficos), e o cetro e o gládio (símbolos ascensionais); e o Regime Noturno, em que há a descida e a taça (símbolos de inversão e de intimidade), e por fim, o denário e o pau (símbolos cíclicos).

O livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (2020) de C.S. Lewis é uma narrativa denominada conto de fadas que envolve aventura, cenário, personalidades diferentes, bem/mal, heroísmo, derrota/vitória que levam a diferentes sentidos

Desse modo, discorrer sobre esses regimes das imagens propostos por Durand (2012), bem como os símbolos, mitos e arquétipos apresentados em Coelho (2003), permitiu identificá-los no livro de C.S. Lewis cujo objetivo é alcançar crianças e seu universo imaginário com seus contos de fadas, promovendo diversos significados.

Referências

ANAZ, S. et al. Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. **Revista Nexi**, São Paulo, n. 3, p. 1-16, 2014.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. São Paulo: Artmed, 2013.

CRUZ, P. C. S. **Lewis e a formação do imaginário**. 2014. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit14/27-34PauloCruz.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

FARIAS, F. R. A.; RUBIO, J. A. S. **Literatura infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil**. 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

OLIVEIRA, M. M. E. **Contos de fadas e o desenvolvimento da imaginação**. 2018. Disponível em: <http://200.156.24.161/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/MAYARAMONTEIROEZEDINDEOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GONÇALVES, L. K. et al. **A leitura do conto de fadas e o desenvolvimento do imaginário infantil**. 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1927>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de CG Jung**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LEWIS, C.S. **O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. 3. ed. Sétima tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

MCGRATH, A. **A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

NÓLIO, L. **Contos de fadas**: do imaginário às fronteiras da realidade. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/139575>. Acesso em: 24 nov. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.